OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno — 36 n.os	Semest. — 18 n.os	Trim. — 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte, moeda forte)	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem)	4$000	2$000	—$—	—$—
Extrangeiro (união geral dos correios).	5$000	2$500	—$—	—$—

10.º ANNO — VOLUME X — N.º 315

21 DE SETEMBRO 1887

REDACÇÃO — ATELIER DE GRAVURA — ADMINISTRAÇÃO

LISBOA L. DO POÇO NOVO, ENTRADA PELA TRAVESSA DO CONVENTO DE JESUS, 4

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empreza do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos.

CHRONICA OCCIDENTAL

A viagem de el-rei e da familia real ao norte do reino, essa viagem que traz alvoroçadas todas as povoações por onde os augustos viajantes tencionam passar, com os preparativos das festas brilhantes projectadas para a recepção de tão illustres visitas, ficou addiada para os ultimos dias do mez em consequencia d'um ligeiro incommodo de sua magestade a rainha a sr.ª D. Maria Pia.

Esse incommodo, felizmente, não tem gravidade alguma e segundo referem alguns jornaes, foi contagiado a sua magestade pelo seu neto o principe da Beira, que ultimamente teve um ataque de sarampo benigno, durante o qual a rainha se não tirou um momento da sua cabeceira.

O passeio da familia real ao norte, que ao principio estava marcado para o dia 17 do corrente, ficou portanto addiado para o dia 25, o que mais tempo dará ás povoações, que os reaes *touristes* vão visitar, para organisar os seus festejos.

E segundo se póde apurar já pelos programmas e preparativos, estas festas serão verdadeiramente brilhantes em algumas localidades.

Em Espinho, por exemplo, os banhistas que ali estão preparam uma recepção esplendida a suas magestades: no Porto as festas serão ruidosas, e muitas commissões trabalham activamente para esse fim; em Braga, e principalmente no Bom Jesus, d'onde suas magestades e altezas farão seu quartel general, projectam-se illuminações que devem produzir um magico effeito, como por exemplo, a illuminação a luz electrica da matta e do lago; a Povoa de Varzim, a mais formosa praia de Portugal, prepara-se tambem garridamente para receber os augustos visitantes e os ultimos dias de setembro e os primeiros de outubro serão uns verdadeiros dias de festa excepcional para as principaes povoações do norte.

Acompanham suas magestades el-rei e a rainha no seu passeio que durará entre doze a quinze dias, o sr. infante D. Affonso, suas altezas o principe real e a princeza D. Amelia, que regressaram ha dias da Escossia, o sr. presidente do conselho e sua esposa a ex.ma sr.ª D. Maria Emilia Seabra de Castro, e o illustre medico o sr. dr. Ravara, medico d'el-rei e de suas altezas os duques de Bragança.

Esta viagem da familia real ao Minho vae retardar o regresso a Lisboa de muitos *touristes* em villegiatura. É evidente que, quem estiver para o Norte, não voltará á capital sem assistir á passagem de suas magestades, e que só lá para os meados ou fins de outubro Lisboa começará a apresentar o seu aspecto alegre e animado de inverno.

Entretanto, os theatros fieis á tradição, começam já a abrir-nos as suas portas e a prepararem a inauguração da epocha invernosa.

O theatro da Trindade já abriu e com uma companhia intelligentemente reforçada com alguns artistas de primeira ordem no seu genero, e com aptidões muito aproveitaveis e promettedoras.

No elenco da Trindade, figura por exemplo, este anno, o nome glorioso de Lucinda do Carmo, a gentil e talentosa actriz cujo successo colossal alcançado na epocha finda na *Nitouche*, no theatro dos Recreios, collocou, d'um só passo, á frente das nossas mais illustres cantoras de vaudeville.

Sollicita sempre em bem servir o publico, em juntar no seu theatro d'operetta, todos os elementos mais aproveitaveis para esse genero, a empreza d'aquelle theatro, escripturou além da illustre e afamada actriz, o sr. Ribeiro, um rapaz que debutou na companhia hespanhola de zarzuella que na epocha de verão esteve n'aquelle theatro, fazendo o papel de Caballero de Gracia, na *Gran via*, em que mostrou certa aptidão, e uma excellente voz; o actor Joaquim Silva e a actriz Augusta de Mello, que estavam trabalhando com grande exito no theatro Chalet do Rato, d'onde eram as duas *etoiles*.

Vimol-os ahi uma noite nas *Guerras do Alecrim e da Mangerona*, e agradaram-n'os immenso.

Augusta de Mello é uma actriz alegre, petulante, sympathica, que diz com muita intelligencia e canta com muita afinação: é galante, elegante e desembaraçada e deu uma bella interpretação comica ao papel de Cevadilha da velha peça do *Judeu;* Joaquim Silva, no creado Semicupio, da mesma peça, satisfez-nos cabalmente pela graça expontanea do seu jogo scenico e ao mesmo tempo pela sobriedade dos seus effeitos comicos.

Parece-nos que Francisco Palha andou acertadamente escripturando-os para a Trindade, e que ao mesmo tempo que arranjou dois bons interpretes para o seu reportorio, prestou um serviço á Arte, dando a mão a dois artistas de quem ha muito a esperar. E já que fallámos das *Guerras do Alecrim e da Mangerona*, não podemos deixar de louvar os nossos distinctos collegas João de Mendonça e Julio Rocha, pelo

S. JERONYMO, IMAGEM EXISTENTE NO MOSTEIRO DOS JERONYMOS

(Segundo uma phototypia do sr. Carlos Relvas)

bom serviço que estão prestando ao antigo theatro portuguez com as ressurreições d'estas obras, hoje quasi completamente desconhecidas e que tanto fizeram rir os nossos antepassados.

Depois de terem resuscitado, com bom exito, a velha e legendaria farça do *Manuel Mendes Enxundia*, fizeram agora reviver a opera jocoso-séria do Antonio José, o Judeu, que a inquisição matou, *Guerras do Alecrim e da Mangerona* que se representou pela primeira vez no theatro do Bairro Alto de Lisboa, no carnaval de 1737.

Apesar do seculo e meio que sobre esta peça já decorreu, as *Guerras do Alecrim e da Mangerona*, ainda hoje fazem rir, ainda interessam o publico, ainda tem ditos e situações que são acolhidos com as mesmas gargalhadas com que o foram ha cento e cincoenta annos.

O que falta na peça do Judeu, é esse talento poderoso e creador de Moliére que synthetisa n'um personagem um ridiculo, um vicio ou um defeito da natureza humana e que atravessa os seculos eternamente verdadeiro, eternamente novo, contemporaneo de todas as epochas, conterraneo de todos os paizes, zombando do tempo e rindo das escolas.

Antonio José não tem d'isso na sua peça, mas o que tem é a verdadeira graça portugueza e theatral, a sciencia da scena, o segredo da urdidura dramatica, o bom humor, a verve expontanea d'um auctor comico de primeira ordem.

Nas *Guerras do Alecrim* ha um soneto que é uma perola litteraria e que mesmo mediocremente declamado, produz ainda hoje no publico um grande effeito.

Não resistimos a transcrevel-o. É a declaração d'amor de Dom Gil a Dona Clori.

Tanto te quero, ó Clori, tanto, tanto
E tenho n'este tanto tanto tento,
Que em cuidar, que te perco, me espavento,
E em cuidar, que me deixas me ataranto:

Se não sabes (ai Clori!) o quanto o quanto
Te idolatra rendido o pensamento
Digão-t'o os meus suspiros cento a cento
Soletra-o nos meus olhos pranto a pranto.

Oh! quem podéra agora encarecer-te
Os exquisitos modos de adorar-te
Que amor soube inventar para querer-te!

Ouve Clori, mas não, que hei de assustar-te;
Porque é tal o meu incendio, que ao dizer-te
Ficarás no perigo de abrasar-te.

O que nós achamos é perfeitamente deslocada a resurreição d'esta peça no theatro Chalet: o theatro de D. Maria era o theatro naturalmente e litterariamente indicado para estes trabalhos artisticos, que deveriam ser representados com todo o rigor historico e pelos nossos melhores artistas.

E estamos certos que d'este modo as *Guerras do alecrim e da mangerona* teiram um grande successo, porque ao passo que o publico na sua grande maioria só vae ao Chalet procurar n'essa peça a distração d'algumas horas, do mesmo modo que vae vêr a *Grande Avenida* e o *Processo do Cancan*, o publico que a fosse vêr a D. Maria iria apreciál-a com toda a curiosidade um pouco religiosa, com que se examina uma obra d'arte antiga.

O theatro de S. Carlos publicou já em cartazes e em annuncios o elenco da sua companhia e a relação do seu reportorio para a epocha lyrica que está a bater á porta, e que segundo se diz começará em 28 de outubro proximo com o *Rigoleto*.

O elenco da companhia é verdadeiramente notavel e mostra mais uma vez o amor perfeitamente d'artista e gosto de *dilletanti* com que o sr. Valdez dirige o seu theatro, olhando muito mais aos interesses da arte de que aos seus interesses commerciaes de emprezario.

Este anno teremos em S. Carlos a grande cantora Helena Theodorini, a afamada dama ligeira Emma Nevada, que no mundo lyrico tem já a aureola de celebridade, a Figuet, um meio soprano muito applaudido na grande opera de Paris; as primas-donnas Cataneo e Oliga, que teem fama lisongeira nos theatros de Italia; o tenor Talasac, hoje o primeiro da França, o tenor Vergnet da grande opera de Paris, os nossos dois illustres compatriotas os irmãos Andrades, o barytono e o tenor que tão ruidosamente tem sido festejados nas principaes scenas lyricas da Europa.

No repertorio figuram tres operas novas: o *Romeu e Julietta* de Gounod, o *Freyschutz* de Weber, e uma opera do maestro Mancinelli, o applaudido regente d'orchestra que ainda esta epocha é reconduzido, com grande prazer de todo o publico de Lisboa.

Tudo isto faz prever uma excellente epocha lyrica e para o fim, para a *bonne bouche*, temos, em março, seis recitas da celebre *Patti*.

O Gymnasio prepara-se tambem para abrir um d'estes dias as suas portas, e abre-as com uma comedia que é o mais collossal successo dos theatros francezes n'estes ultimos annos—*Tres mulheres para um marido*, que representada pela primeira vez em Paris em 1884 já hoje conta ali 750 representações!

Como se vê o inverno está a começar, e promette ser, theatralmente, um dos mais animados de Lisboa.

Que assim seja!

Gervasio Lobato.

AS NOSSAS GRAVURAS

S. JERONYMO

Quem entra no sumptuoso templo dos Jeronymos, em Belem, e se dirija para a capella mór, verá ao lado esquerdo d'esta um altar, ao fundo do qual e em nicho vasado na parede, está uma imagem de santo, que desde logo lhe prende a attenção.

É a imagem de S. Jeronymo, que a nossa gravura representa, uma das mais bellas esculpturas antigas que existem em Portugal, e tanto mais bella por ser de porcellana.

Esta imagem, collocada onde está, com a luz escassa que entra pelas raras janellas do templo, tem o aspecto de uma verdadeira figura humana que estivesse alli, tal é a illusão que faz aos nossos olhos, pela extrema exactidão de suas fórmas, e pela côr.

Este effeito é um pouco prejudicado vendo a figura cá fóra, com mais luz, como por exemplo, nas salas da Exposição da Arte Ornamental, onde tivemos occasião de vêr a formosa esculptura florentina.

As côres véem-se então completamente deterioradas, apresentando grandes laivos esbranquiçados. Apezar, porém, d'estes estragos, a esculptura é tão superior, que resiste triumphantemente, e quem a olha sente-se irresistivelmente attrahido pelo velho penitente alli representado, impressionando, sobre tudo, a expressão da cabeça, verdadeira obra de mestre.

Este chefe de obra foi feito em Florença, e offerecido por el-rei D. Manuel aos frades Jeronymos.

Como dissemos, é de faiança esmaltada e colorida. Mede a figura 1m,52, e é attribuida ao eximio artista Lucca Della Robbia, inventor da faiança fina em Italia.

Esta obra não é a somenos producção do notavel esculptor, pois foi auctor de muitos altos e baixos relevos que são outros tantos primores d'arte. Conta-se que Filippe II de Hespanha, visitando a egreja dos Jeronymos e detendo-se na contemplação da veneranda imagem disse:

—*Non me hablas Hieronimo?*

A gravura que publicâmos, reproduzida de uma explendida phototypia do sr. Carlos Relvas, dá uma idéa perfeita do S. Jeronymo dos Jeronymos, que é ao mesmo tempo uma preciosidade artistica como poucas existem em Portugal.

A ERMIDA DE S. SEBASTIÃO NA ERICEIRA

Está assente sobre as ribas alterosas da Ericeira, na extremidade norte da villa, ao fundo de um espaçoso terreiro, por onde segue a estrada de Torres Vedras. É este um dos passeios favoritos de muitos banhistas que, nas lindas tardes do outono, gozam d'aquelle ponto elevado um dos mais bellos panoramas de mar que é possivel phantasiar-se.

Nas grandes rochas que lhe ficam aos pés, e que separam a praia do Norte da chamada do Alvedio, batem as ondas ordinariamente com furia, e espraiam-se em vastos lençoes de espuma que o quebrar da maré renova constantemente.

Só, n'aquelle rustico, mas poetico ermo, a branca e singella capellinha de S. Sebastião, erguida em frente da immensidade do Oceano, em que se espelha o omnipotente em toda o sua magestade, parece dizer a quantos a avistam da terra e do mar que só Deus é grande!

EGREJA DA ENCARNAÇÃO

A freguezia de Nossa Senhora da Encarnação foi instituida ha tres seculos aproximadamente.

Segundo diz o padre João Bautista de Castro, no 3.º volume do *Mappa de Portugal*, já no anno de 1551 existia aquella parochia na egreja do Loreto, e o padre Apolinario da Conceição, na sua *Demonstração historica*, tambem assim o affirma.

Em paginas 154 do 3.º volume do *Mappa de Portugal*, a que nos referimos, lê-se o seguinte:

«Querendo o cabido da antiga Cathedral de Lisboa, instituir uma nova parochia, e desmembrar porção do territorio que comprehendia a freguezia dos Martyres por ser muito extenso, se contractou com os italianos, para que a admittissem na sua egreja, fazendo-se d'este contracto um instrumento publico em 2 de janeiro de 1551»

Na quarta feira 29 de março de 1651, aconteceu o lamentavel desastre de se incendiar a egreja do Loreto: passou então a parochia para a ermida da Senhora do Alecrim, onde se conservou até ao anno de 1676, em que voltou para a egreja do Loreto, que acabava de ser reconstruida.

A ermida do Alecrim havia sido edificada por uma senhora illustre da ilha de S. Miguel, chamada D. Anna de Vilhena, casada com o desembargador Alvaro Lopes Moniz.

Trouxera aquella devota senhora para Lisboa uma imagem da Virgem, e pensava em lhe erigir uma capella, até que em 1624 comprou um terreno adquado nas proximidades do palacio do Marquez de Marialva, palacio que o terremoto de 1755 reduziu a ruinas, e que estava situado no local, onde hoje vêmos a praça de Luiz de Camões.

A ermida edificou-se, emfim, no sitio, pouco mais ou menos, onde hoje tambem existem uns grandes predios, que defrontam para o largo do Quintella e para as ruas, das Flores e do Alecrim; a veneranda imagem da Virgem ali foi collocada com a invocação de Nossa Senhora do Alecrim.

Ao tempo em que a parochia da Encarnação passou para a ermida, em maio de 1651, pertencia esta ao desembargador Antonio Maria de Carvalho e sua mulher D. Izabel Soares de Albergaria.

O regresso da parochia para a egreja do Loreto realisou-se, como dissémos, em 1676, no dia 7 de setembro, fazendo-se solemne procissão, que devotamente foi acompanhada por el-rei D. Pedro II.

João Bautista de Castro, no *Mappa de Portugal*, diz o seguinte:

«Saiu a procissão da sobredita ermida, e discorrendo pelas principaes ruas do Bairro Alto, acompanhada de todas as religiões da côrte, que levavam andores com os seus patriarchas, era conduzido pelo nuncio D. Marcello Durazzo, arcebispo de Calcedonia, que no dia seguinte celebrou pontificalmente, com a assistencia de el-rei.

«No segundo dia fez pontifical D. Fr. Christovam de Moura, provisor do arcebispado de Lisboa, e no terceiro dia celebrou o arcediago de Bago, D. João Mascarenhas, assistindo todos os conegos em corpo de cabido.»

Os italianos pretenderam mais tarde considerar-se com o direito do padroado da freguezia da Encarnação. O cabido da Cathedral oppoz-se energicamente; houve grande litigio, que durou até 1679, anno em que o mesmo cabido ordenou que passasse novamente a parochia para a ermida do Alecrim.

É notavel que uma freguezia tão populosa, não alcançasse ter egreja propria durante o longo praso de mais de cento e cincoenta annos, e ainda assim, para o conseguir, foi preciso que uma devota senhora tivesse a piedade de lhe mandar edificar um templo.

Foi esta devota, a condessa de Pontevel, D. Elvira Maria de Vilhena, viuva do primeiro conde de Pontevel, Nuno da Cunha Athayde.

Concedidas as competentes licenças de Roma, foi escolhido um terreno fronteiro á egreja do Loreto, e que pertencia á condessa, por fazer parte do morgado instituido por Antonio da Silveira.[1]

As obras começaram em 4 de junho de 1698, deitando a primeira pedra fundamental no edificio, o cardeal arcebispo de Lisboa, D. Luiz de Sousa.

Dez annos, aproximadamente, duraram as obras,

[1] Vide *Livro da genealogia historica da condessa de Pontevel.*

ficando concluido o magestoso templo em 14 de março de 1708.

Então a condessa de Pontevel fez trasladar para a capella-mór da nova egreja o cadaver de seu marido, que havia sido sepultado no convento de S. Francisco da Cidade.

Por escripturas celebradas em 5 de junho de 1698 e depois em 16 de agosto de 1700, fez a illustre fidalga o solemne contracto com o deão e cabido da Sé de Lisboa, de estabelecer a parochia da Encarnação, no templo que construira; apresentou o cura, coadjuctores, e thesoureiro, que por seu fallecimento ficou esta apresentação ao ordinario.

Pelas mesmas escripturas tambem constituiu a irmandade do Santissimo senhora fabricana, provedora e administradora da mesma egreja.

A condessa de Pontevel tinha tanta devoção pelo templo que edificára em honra da Virgem da Encarnação, que se despojou de todos os seus bens para o engrandecimento do culto e augmento da fabrica da egreja, e falleceu pobre, em 30 de dezembro de 1718, com 91 annos de edade. O seu cadaver foi tambem sepultado na capella-mór, junto ao de seu marido.

No dia 6 de setembro de 1708, foi benzida a egreja pelo arcebispo d'Evora, D. Simão da Gama, e no dia 8 realisou-se a transferencia da freguezia, em solemne procissão, para o novo templo, onde no dia seguinte se celebrou a primeira missa.

A procissão era composta de andores, e figuras a cavallo, ricamente vestidas, e d'um carro triumphante de soberba fabrica.

As festas na nova egreja da Encarnação duraram oito dias, durante os quaes esteve sempre exposto o Santissimo.

Segundo a opinião dos padres: Manuel da Conceição, Christovam Rodrigues d'Oliveira, João Bautista de Castro, e outros, o novo templo era devéras magestoso.

O *Jornal do Commercio*, n'uns excellentes artigos publicados em março, abril e maio de 1873, quando se concluiram as ultimas obras, que n'aquelle templo se realisaram, transcreveu do *Livro da genealogia historica da condessa de Pontevel*, a seguinte descripção minuciosa da antiga egreja:

«A porta principal deitava para o largo, como a actual; e tinha mais duas portas travessas, sendo uma para a rua da Cordoaria Nova (hoje rua do Thesouro Velho), e a outra para a rua do Alecrim. O adro era muito espaçoso, e estava fechado com uma grade de ferro.

«A egreja, além do altar-mór, tinha mais dois altares lateraes, ou á face do corpo da egreja, e n'esta havia oito, quatro de cada lado.

«As banquetas e alampadas dos altares, eram todas de prata: as do altar-mór pesavam 250 marcos.

«No altar de S. Vicente Ferrer havia um cofre de prata contendo uma reliquia d'aquelle santo.

«Possuia a egreja uma peanha de prata, que pesava 50 marcos, para se collocar a custodia na tribuna: a custodia, tambem de prata dourada e lavrada, tinha cinco e meio palmos de altura.»

Sobre a porta principal estava collocado o baixo relêvo, em pedra, que ainda hoje se vê com a mesma collocação no templo actual, e as duas estatuas que estão n'uns nichos, aos lados, na fachada, e que representam a Senhora do Loreto e Santa Catharina, tambem ha todas as razões para acreditar, que estivessem collocadas da mesma fórma no antigo templo, por terem pertencido ás portas de Santa Catharina, que n'aquelle sitio existiam, limitando a cidade de Lisboa, as quaes foram demolidas em 1702.

O jazigo da condessa de Pontevel era sumptuoso, e tinha o seguinte epitaphio:

«Aqui jaz a condessa de Pontevel, D. Elvira Maria de Vilhena, que com heroica piedade fez a soberana Virgem, mãe de Deus, herdeira de seus bens, na sumptuosa fabrica d'este magnifico templo, como a outra matrona na egreja de Santa Maria Maior. Falleceu a 30 de dezembro de 1718.»

O tumulo foi destruido pelo terremoto de 1755, e na egreja actual, existem dos lados da capella-mór uns disticos, commemorando o fallecimento dos condes de Pontevel, e em que se declara, terem sido ali sepultados.

A egreja tinha as confrarias de S. João Baptista, S. Vicente Ferrer, Nossa Senhora dos Prazeres, Santo Antonio, e as irmandades do Santissimo e das Almas; tinha tambem 12 capellães com obrigação de côro e de missas.

O terrivel terremoto de 1755, a que já nos referimos, destruiu uma grande parte do templo, mas as unicas victimas que houve n'aquelle recinto sagrado, foram dois padres pertencentes á mesma egreja, chamados Ivo e Manuel Pinto, e uma pobre mulher já edosa. Todos tres ficaram esmagados no adro, pelas pyramides da torre, que desabaram.

O cartorio foi salvo, menos os tres livros dos assentos dos baptismos, casamentos e obitos.

A imagem de Nossa Senhora tambem se salvou, e é a mesma que hoje ainda se vê collocada n'um altar da sachristia.

Os vasos sagrados, apenas aconteceu aquelle lamentavel desastre, foram conduzidos para a egreja do Loreto, que pouco havia soffrido; mas o incendio, que se seguiu, pouco depois da meia noite, tambem causou serios estragos n'aquella egreja, e por esse motivo, os vasos sagrados foram para a ermida de Santo Ambrosio, onde estava collocada a parochia de Santa Izabel, por não se ter ainda concluido a egreja, que em honra da santa rainha, mandára edificar o primeiro patriarcha de Lisboa, D. Thomaz d'Almeida.

Depois ainda a parochia da Encarnação passou para uma barraca, que o coadjuctor Vicente Ferreira Rolim fez construir no largo da Cotovia (hoje praça do Principe Real), e mais tarde ainda se procedeu a nova transferencia para outra barraca, no alto do Pombal, onde hoje, pouco mais ou menos, está estabelecida a Imprensa Nacional.

(Continúa.) *Guilherme Rodrigues.*

EXPOSIÇÃO DA SOCIEDADE PROMOTORA DE BELLAS-ARTES

XIV EXPOSIÇÃO

(Conclusão)

Amamos tanto a verdade que algumas vezes duvidamos da fidelidade dos nossos olhos, do acerto dos nossos raciocinios, da justeza do nosso juizo, tão feia ella se nos apresenta, tão desanimadora, tão cruel.

Sim, perguntamos a nós mesmo, fazendo grande esforço de raciocinio, vasculhando bem a nossa consciencia, esfregando insistentemente os nossos olhos, para nos certificarmos de que estamos bem acordados, livres de sonhos ou pesadellos mal humorados, se o que vêmos é realmente verdade, se não é uma illusão traiçoeira, que fradinho de mão furada pôem em nosso espirito e ante a nossa vista, para depois nos soltar uma risada satanica com o desfazer d'essa illusão.

Estas duvidas assaltam-nos a mente sempre que temos diante de nós uma contradição inexplicavel, como a que se dá agora entre o sr. Rezende, professor jubilado da Academia Portuense de Bellas-Artes, e os quadros que apresenta n'esta exposição.

O sr. Rezende é um artista portuense muito bem reputado, e essa boa reputação tem-a ganho pelas suas obras, entre as quaes se destacam effectivamente alguns quadros de merito.

Entretanto os tres quadros que expõem, muito principalmente «Os pescadores de Mattosinhos» e «O rapazinho do moleiro» não podem comprometter mais o seu auctor.

O sr. Rezende não copiou aquelles pescadores do natural, authenticos, de carne e osso.

Nao copiou.

Tem as fórmas e a côr dos bonecos da fabrica das Devesas, bonecos muito acceitaveis como productos ceramicos, mas que não se pódem vêr reproduzidos na téla, a não ser adornando alguma *étager* de gabinete, como accessorio de quadro.

E a perspectiva?...

O que val, repetimos, é que o sr. Rezende tem outras obras que o absolvem dos peccados que commetteu n'este quadro, que é afinal o que se torna mais saliente pelo assumpto e pelo tamanho.

«O rapazinho do moleiro» ou os «Rochedos da Foz do Douro» tanto podiam ser assignados pelo sr. Rezende, como por qualquer modesto amador, sem fazer os creditos de nenhum.

E esfregando de novo os olhos, e com elles bem abertos e as pernas bem desembaraçadas, fugimos a sete pés de uma manada de touros brincalhões, que em desordenada corrida, investem com os cavallos e cavalleiros não menos brincalhões.

Tudo uma brincadeira.

Toiros de brincadeira. Cavallos de brincadeira. Cavalleiros de brincadeira.

É «Uma tarde de bois» quadro do sr. visconde de Athouguia, que se deixou seduzir pelas grandes télas e pelos grandes assumptos, ante o que muitos artistas hesitam com bem fundadas razões, mas que sua excellencia affrontou com muito louvavel ambição, se a podéra realisar.

Não realisou, mas não desanime por isso; muitos artistas a não realisariam tambem e por isso a evitam cautelosamente.

As grandes composições movimentadas, surriem aos amadores, e amedrontam os artistas; aquelles não lhes conhecem o perigo, estes sondam-lhe os escolhos.

O amador não se contenta com pouco, e essa avareza é que o perde. Uma pedra bem desenhada e bem pintada, val muito mais que um grande quadro mal desenhado, mal composto e mal pintado.

E se isto é assim, contentemo-n'os só com a pedra, que nos agradecerá muito mais o nosso trabalho, a nossa frugalidade.

Nada de intemperanças.

O que dizemos a respeito do quadro «Uma tarde de bois» dizemos com respeito aos outros quadros do mesmo auctor, onde difficilmente podemos fazer selecção, pois nenhum nos captiva, nem pelo desenho, nem pelo colorido, nem pela composição.

A impressão que nos faz os quadros do sr. visconde de Athouguia é a de um amador abandonado aos seus proprios caprichos, e entretanto se o sr. Athouguia cohibisse os seus desmandos e se sujeitasse a um estudo sério, estamos certos de que conseguiria resultados mais lisongeiros para a arte e para si.

Quando ha disposição para a arte, o estudo desenvolve e consolida; é assim que se fazem os artistas, e se isto em vez de ser um principio geral, fosse uma opinião que precisasse ser corroborada, tinhamos a confirmação d'ella, por exemplo, nos quadros que ora estamos vendo do sr. Rodrigues Vieira.

O joven estudante de esculptura, discipulo do sr. Calmess, pensou um dia em se fazer pintor, e depois de ter manejado o cinzel, foi manejar a paleta, principiando por pintar flores, porque eram estes os modelos mais baratos e mais faceis, e estudando esta especialidade com amor, apresentou na primeira exposição de quadros do *Grupo do Leão*, umas pequenas télas em que viviam umas deliciosas rosas.

De então para cá nunca mais deixou de pintar flores, e ainda que a paisagem já lhe tenha suggerido um outro quadro, são ainda as flores as suas affeiçoadas, que vivem tanto nos canteiros floridos como nos seus quadros.

Os quadros que este artista expõe não são novos, são já conhecidos do publico que visitou as exposições do *Grupo do Leão*. A critica já se pronunciou a respeito d'elles; nós não insistiremos sobre essa critica, que aliás lhes foi favoravel.

Outro tanto acontece com uns quadros que o sr. Antonio José da Costa, residente no Porto enviou a esta exposição.

Tres paisagens, que figuraram na ultima exposição de quadros que se effectuou nas salas do Atheneu commercial do Porto, e das quaes uma, «Debaixo da ramada», o OCCIDENTE reproduziu em gravura.

Nas mesmas circunstancias está o sr. Julio Costa, tambem do Porto, e que figura n'esta exposição com dois quadros que tambem foram expostos, na referida exposição do Porto, um dos quaes «Levadinha da breca», engraçada composição, muito original, imprevista, os leitores do OCCIDENTE já conhecem por uma gravura aqui publicada.

A nossa critica agora só confirmaria a que o sr. Manuel Maria Rodrigues, já escreveu nas columnas d'este periodico, em que apenas descordamos na graça e viveza que acha á physionomia da creança do quadro, «Oh que chapeu».

Nós diremos antes:

Oh que cara!

E já que nos saiu esta exclamação, permittamnos que a repitamos ainda mais ruidosamente, agora que avistamos os quadros do sr. Barradas, umas composições historicas muito variegadas, e «A janella», que sem ser a varanda de Julieta, é uma exhibição de paciencia que faria exclamar qualquer brazileiro:

Oh qué linda casa di loiça.

Com respeito aos quadros historicos, dois assumptos magnos, «Vasco da Gama commandando a expedição portugueza, embarca na praia do Restello em demanda do novo caminho maritimo para as Indias, em 1497», e «D. Affonso V armando seu filho cavalleiro na mesquita de Arzilla, em 1472», diremos que se estes quadros fossem tão bellos como o assumpto que os inspirou, teria-

mos a apreciar no sr. Barradas um pintor historico de primeira plana, tão grandes eram as difficuldades que teria vencido.

Mas infelizmente não aconteceu assim, e os esforços, por ventura louvaveis, do sr. Barradas não produziram obra que interessasse a critica com proveito para o autor e para a arte.

Nunca pensámos que o sr. Barradas se aventurasse aos mares procelosos das composições historicas, com a mesma coragem com que atravessou o Oceano, desde o extremo occidente da Europa até á America. Mas isto fará conhecer ao sr. Barradas que é muito mais facil uma viagem transatlantica, do que fazer resurgir na téla um Vasco da Gama ou um D. Affonso v mesmo sem commandar nem armar coisa nenhuma.

E de quadros novos só nos restam os do sr. Isaias Newton. Umas paisagens muito bem pintadas, entristecidas por uma certa nota negra, que domina tanto nos troncos das arvores como no verde das folhas, de um acabamento que toca quasi a dureza, mas que resistem pela grande perspectiva aerea, muito principalmente no quadro «Paisagem nos arredores de Condeixa.»

A Paisagem—estrada de Interlaken a Grindewald (Suissa)» tem a humidade e o viçoso dos campos frescos e cortados de ribeiros e lagos da Suissa. «A Matta», quadro copiado da Tapada da Ajuda, é o mais alegre, o mais isempto da tal nota triste.

O sr. Isaias Newton resiste corajosamente aos modernos processos da pintura. Presiste no acabamento das suas telas, acabamento que muitas vezes sacrifica o effeito e o dezenho dos seus quadros, e não se deixa seduzir pela magia, pela impressão, pelo realismo que domina os artistas novos, e de que uns fazem bom uso, mas de que outros abusam deploravelmente.

Mais dois quadros do sr. Bacchetta, um professor italiano que veiu associar-se a esta exposição de quadros portuguezes.

«Requiem» é o titulo que dá a um dos quadros em que se vê uma cabeça de religiosa e mais outras que se enfileiram prespecticamente dentro do pequeno quadro deixando apenas avaliar os seus prefis. Composição extranha, que poderia convir a um quadro das *onze mil virgens*, mas com que não sympathisamos apesar de estar bem pintado. O outro quadro «O voto» vale menos que este; representa um crucifixo, uma espada e uma açucena, formando um grupo ornamental.

Por ultimo apenas temos uns quadros do sr. Leonel Marques Pereira, João Pedrozo e Henrique Pinto. Todos estes quadros, porém, já figuraram em repetidas exposições. Já mereceram a critica de varios tempos, e sendo todos de artistas sufficientemente conhecidos não seremos nós que vamos emittir opinião, onde ella está já feita, massando quem nos lê com superfluidades.

A esculptura attrahe-nos agora muito mais, e cá encontramos á frente dos novos, os bellos medalhões do sr. Simões de Almeida, um soberbo busto em marmore do fallecido sr. Duque d'Avila, outro de um preto, uma graciosa estatutueta «Infancia,» etc., tudo producções irreprehensiveis, que tanto honram este artista como a arte.

Segue-se o sr. Rato Junior, artista tambem já conhecido, e que entre uns bustos em barro cosido, de varina e de varino, apresenta uma estatueta em marmore «Amuada» que traduz bem a intenção e que satisfaz plenamente as exigencias de uma boa esculptura.

Outras duas estatuas, estudos em gesso do sr. Antonio Teixeira Lopes, discipulo do sr. Cavalier da Escola Nacional de Bellas-Artes de Paris,

EGREJA DE NOSSA SENHORA DA ENCARNAÇAO, EM LISBOA

(Desenho do natural por J. R. Christino)

EXPOSIÇÃO DA SOCIEDADE PROMOTORA DE BELLAS-ARTES

A MATTA, NA TAPADA DA AJUDA — QUADRO DE ISAIAS NEWTON

(Desenho do mesmo auctor)

são duas promessas valiosas de quem não faltará a ellas.

«Um gaiato» e «Uma lição difficil» são ainda dois bustos em gesso, da ex.ᵐᵃ sr.ª D. Albertina Falquer, discipula da Eschola de Bellas-Artes de Lisboa.

Qualquer dos dois bustos tem qualidades apreciaveis, resentindo-se apenas da falta de agudeza que os faz cahir um pouco no redondo.

Umas aguarellas, uns desenhos a pastel e umas pinturas em faiança pouco captivam a nossa attenção, o que não quer dizer que não hajam algumas de merecimento, mas sim que nenhumas se impõe por fórma a distrahirem-nos dos quadros e das esculpturas. De resto quando se chega ao fim de uma peregrinação d'estas, por entre quatro salas revestidas de baixo a cima por mais de trezentos quadros, que todos, mais ou menos, nos detiveram e nos impressionaram bem ou mal, não é humanamente facil ter vondade e paciencia para esmiussar convenientemente as aguarellas e os pratos em que as flôres são o assumpto dominante.

A gravura tambem por lá apparece com algumas provas *avante le lettre* revelando mais correcção, firmeza e finura as que são firmadas pelo sr. D. Netto.

Na secção de arte industrial figuram algumas reproducções galvano-plasticas de medalhões e outros objectos em relevo, apresentados pelo sr. Cunha Porto. São perfeitas estas reproducções.

A conclusão final que tiramos d'esta exposição é que a arte vae progredindo, ainda que lentamente, por esta patria de Camões.

Que esta exposição é a mais brilhante de quantas tem realisado a Sociedade Promotora de Bellas Artes.

Que este resultado se deve em grande parte á reforma do ensino, feita á quatro annos na Academia de Bellas-Artes.

Que esta exposição nos deu pretexto para pedirmos ao leitor desculpa de uma das maiores massadas que lhe tenham apurado a paciencia, e aos srs. expositores a franqueza do nosso dizer, n'aquillo em que lhe não podemos ser absolutamente agradaveis.

Xylographo.

O MUSEU INDUSTRIAL E COMMERCIAL DE LISBOA

II

(Continuado do n.º 312)

As collecções são subordinadas a uma classificação que comprehende 4 divisões, 10 secções, 48 grupos e 394 classes. Na primeira divisão acham-se as *materias mineraes* e *manufacturas*, comprehendendo 3 secções, 19 grupos e 186 classes. Acham-se na primeira secção os mineraes metallicos, fosseis e rochas. A segunda é formada por materias primas secundarias e seus productos, e a terceira pelas *manufacturas*, onde figuram a serralheria, fundição de ferro, cutelaria, apparelhos diversos, armas, machinas, objectos de arte em ouro, prata, bronze, bijouteria, ceramica e vidro.

As materias primas *vegetaes* e suas *manufacturas* constituem a segunda divisão.

Na primeira secção acham-se ordenadas em 2 grupos e em 18 classes os productos agricolas e florestaes.

Os grupos 22, 23 e 24, os quaes prefazem 22 classes, apresentam generos de mercearia e confeitaria, bebidas e tabacos, e formam a segunda secção: *productos alimenticios*.

Na terceira secção, *fio* e *tecidos*, onde se podem seguir todas as phases por onde passam as fibras testis até chegarem a servir nos usos da vida, ha 3 grupos e 17 classes.

A terceira divisão comprehende as *materias animaes primas* e *manufacturadas* e torna-se notavel pelas collecções de coirames, objectos de crina, sedas, lãs e outros productos analogos.

São as *manufacturas complexas* que formam a quarta divisão. N'ella figuram as industrias de papelaria, typographia, cartographia, photographia, instrumentos de musica, obras de correeiro e de sella, construcções de vehiculos, de navios, pescarias, machinas de vapor e outras.

III

O primeiro grupo da primeira divisão expõe amostras de mineraes das minas de Relordasa, de Odorigo, de Mostardeira e Galapera. Estanho, chumbo e pyrite cuprica.

No segundo grupo figuram amostras de hulha ou carvão de pedra da Companhia industrial carbonifera do Tejão, da mina de Buarcos pertencente á Empreza exploradora do Cabo Mondego. Tambem n'elle se acham: anthracite da mina de S. Pedro da Cova; antimonio das minas de Gondomar, S. Pedro da Cova, Ribeiro da Egreja, Valle de Achas; aguas chloretadas da Amieira; phosphorite e outros productos da Companhia real de agricultura portugueza, que tambem expõe adubos artificiaes. Apparelhos, machinas e utensilios agricolas e domesticos formam esta secção.

No terceiro grupo acham-se amostras de pedra para construcções, granito, basaltho, grés, marmores, além do grés micaceo da mina de Cova Vallongo, chisto carbonifero da mina de Ribeiro da Murta, etc. Cimentos, argillas, ardosias, amostras de sal marinho, etc., em que figuram as emprezas de Cabo Mondego, Ceramica de Lisboa e *The Vallongo Slate and Martle Guarries Company*.

IV

O quarto grupo por onde começa a segunda secção apresenta productos chimicos, onde pobremente figura a camara municipal de Lisboa.

A Empreza industrial portugueza e o Museu ndustrial e commercial de Lisboa preenchem com amostras de ferro para fundição, e de ouro em varios estados o quinto grupo.

Quanto ao sexto apenas a Casa Pia de Lisboa expõe um medalhão de marmore e um ornato do tempo de D. Manuel.

V

A grande fabrica de fundição e serralheria mechanica estabelecida no Calvario expõe importantes objectos de serralheria e fundição. Esta empreza figura explendidamente e além dos numerosos artefactos, mostra em photographias trabalhos importantes executados n'aquelle estabelecimento. Tem logar apoz este o dos srs. Luiz Ferreira de Sousa Cruz & Filhos, do Porto, que expõem uma collecção de amostras de ornamentações para jardins e para chalets, vasos, grades, etc., e as photographias deveras significativas dos seus importantes trabalhos, taes como o da construcção de um gerador de vapor pelo systema de Pantin e Galloway, construido em 1856 para a fabrica dos srs. A. Almeida da Costa & C.ª na Pampilhosa, além de uma machina motora para os srs. Magalhães & Filhos em Vianna do Castello. Além d'estes são tambem expositores os srs. João Thomaz Cardoso, de Villa Nova de Gaia; Bastos & C.ª, do Porto; Cunha Ferreira, e Santos Chaves, de Lisboa. É muito para vêr-se uma collecção de fechos de ferro e outros artefactos fabricados nos arredores de Braga.

Os grupos 12.º, 13.º, 14.º, 15.º e 16.º, apenas se tornam recommendaveis pela exposição de objectos de ourivesaria do sr. Tavares e do sr. Moutinho. O primeiro apresentou uma collecção no valor de 1:200$000 réis, e o segundo uma custodia de prata no valor de 100$000 réis.

No 17.º grupo expõem os srs. Coutinho Junior & Irmão, do Porto, e Luiz Pinto Moutinho, de Lisboa, objectos de ouro e prata.

Os grupos com que conclue esta secção, são formados dos productos de ceramica e vidro. N'elles figuram as fabricas de faianças das Caldas da Rainha do sr. Mafra e de Bordallo Pinheiro. Os srs. Antonio Machado, Pinto de Magalhães, Goarmon & C.ª e C. Basto & C.ª expozeram ladrilhos fabricados por compressão e sem cosedura. A exposição dos productos da fabrica do sr. Basto & C.ª acha-se na escada que conduz da galeria inferior para a superior. A fabrica do sr. Howorth, em Sacavem, acha-se representada em optimos productos de louça fina e commum.

Em vidros expõe o sr. André Michon, de Villa Nova de Gaia, a empreza exploradora das minas e industrias de Cabo Mondego, a fabrica da Marinha Grande, que foi fundada em 1756 por William Stephens e amparada pelo marquez de Pombal.

VI

A segunda divisão é formada, como já dissemos, por materias vegetaes e suas manufacturas. O 20.º grupo refere-se ao algodão, linho, juta, trigo, cevada, arroz, flores e fructos de plantas tinctorias, grãos e plantas oleaginosas, plantas medicinaes, de ornamento, etc. O 21.º grupo tem referencia ás madeiras de construcção, madeiras de tinturaria e medicinaes, cortiça, cascas, resinas e gommas.

São expositores os srs. Joaquim Antunes dos Santos, proprietario da fabrica 24 de julho; Francisco do Carmo, madeiras, da serra de Monchique; Guilherme Tait, do Porto, pranchas de eucalyptus. O museu colonial expõe uma variadissima collecção de madeiras da Africa e da India. O sr. Simões Margiochi expõe cortiça das suas propriedades do Alemtejo. Ha amostras de resinas e de gommas provenientes das provincias ultramarinas.

No 22.º grupo ha expostas algumas amostras de azeite de palma, producto de Africa. Nota o auctor do excellente artigo sobre o Museu Industrial, publicado nas *Novidades*, não haver representado nenhum dos bons azeites portuguezes taes como o azeite Herculano e Bastos. Os srs. Lino, Costa & C.ª expõem conservas de peixe, carne, doces e fructas. Os srs. Costa & Irmãos, enviaram uma optima collecção de farinhas. Os srs. Chaves & Irmão, com fabrica em Alcantara, mandaram amostras de massas. O sr. Eduardo Costa, da fabrica *Industria nacional*, á Pampulha, offerecem boas collecções de biscoito e de bolacha.

Os vinhos, vinagres, cerveja e productos analogos, constituem o 23.º grupo em que são expostos alguns productos ultramarinos. A unica fabrica portugueza de cerveja alli representada é a dos srs. Schereck & C.ª Em licores ha para notar a collecção da fabrica *Ancora*, da rua de S. Cyro, Lisboa.

No grupo 24.º—*tabacos*, que occupa duas vitrines da galeria superior, ha apenas a mencionar a *Companhia nacional de tabacos*, que é unica expositora.

(Continua).

João de Mendonça.

FONTES PEREIRA DE MELLO

XVIII

Antes de narrarmos o ultimo periodo da vida publica d'este homem eminente, periodo que não é curto porque abrange os ultimos 16 annos da sua existencia, os 16 annos em que governou o paiz como presidente do conselho, precisamos de referir-nos a um incidente importantissimo não só para a historia de Portugal mas para a historia da Europa contemporanea.

Em 1868 a Hespanha tivera tambem a sua revolução de septembro, mas se a revolução de septembro em Portugal não fez mais do que impor á rainha D. Maria II uma nova constituição, a revolução de septembro em Hespanha impoz á rainha D. Izabel II a abdicação e o exilio.

Não era facil á Hespanha porém escolher governo que substituisse o governo da *innocente niña*, como em epocha de remota popularidade chamavam á rainha Izabel. A dynastia dos Bourbons fôra proscripta com ella no primeiro momento da colera revolucionaria, e ainda que o não fosse, o principe Affonso era uma criança. O duque de Montpensier não soubera grangear sympathias. Contra a idea de se chamar D. Carlos revoltavam-se energicamente os sentimentos liberaes hespanhoes. Contra a idéa da proclamação da republica protestavam tambem o tradicionalismo monarchico de Hespanha. E tinha razão: que essa nova forma de governo não era implantavel em Hespanha provou-o exuberantemente a triste republica de 1873.

Foi necessario portanto estabelecer um governo provisorio, elevando-se o general Serrano á dignidade de regente, convocou-se uma assembléa para votar a nova constituição e para deliberar sobre a escolha de um soberano. Era claro porém que se não apresentaria á assembléa senão o nome de um candidato, que se soubesse que acceitaria a coroa. D'ahi a necessidade de se encetarem em segredo negociações preliminares. O nome que lembrou logo foi o d'el-rei D. Fernando. Pertencia á familia Saxe-Coburgo, um dos membros da qual se mostráva o typo ideal dos reis constitucionaes. Sabia-se além d'isso que era um homem intelligente, illustrado, desambicioso, com optimas qualidades para um reinante. E além de tudo o mais, era pae do rei de Portugal, e houve sempre em Hespanha grande gosto por estas approximações. Devemos-lhe essa fineza.

Sabia-se porém que já D. Fernando rejeitára o throno da Grecia, mas entendia-se com razão que a corôa de Hespanha era mais tentadora do que a corôa do pequeno reino allemão. As circumstancias tambem eram outras. Um espirito como o d'El-rei D. Fernando podia ser inaccessivel aos prestigios da vaidade, mas podia legitimamente fascinar-se com as seducções de gloria. E era a gloria que o esperava porque não era pequena a de presidir á reorganisação de um grande paiz, restituir-lhe o socego de que estava privado havia tantos annos, e dar-lhe a liberdade que nunca verdadeiramente conhecera senão de nome.

O ministro de Hespanha em Portugal, D. Angel Fernandez de los Rios, trabalhou vivamente para o exito d'essa candidatura. Como queremos só referir-nos ao papel que n'esse assumpto Fontes desempenhou, nada diremos ácerca do papel muito menos patriotico representado então por homens illustres, que dormem já o eterno somno. A historia imparcial e severa um dia contará os factos.

D. Fernando estava bem longe de ver com gosto essa perspectiva; sobre tudo percebeu os inconvenientes que da sua subida ao throno hespanhol resultariam para Portugal. Comtudo o o negocio era grave; aconselhou-se com Fontes Pereira de Mello.

Não estava elle então no poder; mas homens d'aquelle vulto exercem sempre, quer estejam no poder quer fóra d'elle, um verdadeiro primado politico. Adoptando a velha imagem do carro do estado, póde dizer-se que homens como Fontes Pereira de Mello quando estão no poder empunham as redeas, e dirigem o rodar do carro; quando estão fóra do poder, empunham o cabo do travão, e cohibem muitas vezes só pela sua attitude e pelo seu prestigio, muitas precipitações funestas. É um homem assim que falta agora, por isso...

Fontes aconselhou lealmente D. Fernando, confirmou-o na resolução que elle logo de principio adoptára, ajudou-o a resolver difficuldades que appareciam, dissipou-lhe tambem uma ou outra hesitação, que por mais de uma vez acudiram ao espirito do rei. O papel glorioso que lhe offereciam não podia deixar de o tentar de vez em quando.

A irritação manifestada por D. Angel Fernandez de los Rios contra a intervenção de Fontes Pereira de Mello é a demonstração mais completa do papel brilhante representado pelo grande estadista.

Como n'estes artigos consignamos as nossas recordações pessoaes quando possam servir para

esclarecer a narrativa, diremos o que a esse respeito muitas vezes ouvimos a Fontes Pereira de Mello, e com tanto mais gosto o fazemos quanto prestamos assim homenagem a uma nobre senhora, cujo papel n'essas circunstancias tem sido ou esquecido ou falsamente interpretado.

Referimo-n'os á sr.ª condessa d'Edla.

Muitas vezes ouvimos dizer a Fontes que a esposa do sr. D. Fernando fôra a sua mais dedicada auxiliar n'esse patriotico empenho, e que á influencia que exercia no animo de seu marido se deve em grande parte o mallogro dos esforços de D. Angel.

E note-se que a sr.ª condessa d'Edla nada tinha a perder pessoalmente na elevação d'el-rei D. Fernando ao throno de Hespanha. Assegurava-se-lhe uma posição pelo menos egual á que tinha aqui, ou mais brilhante ainda. Se não fôsse rainha de Hespanha, sentar-se-hia tão perto do throno que só lhe faltaria o diadema para ser ella a soberana.

Comtudo houve um dia em que Fontes Pereira de Mello, chegando á Pena, recebeu recado da sr.ª condessa para lhe ir fallar. Encontrou-a debulhada em pranto. Inquirindo a razão d'essas lagrimas, soube que n'esse dia el-rei D. Fernando, perseguido pelas instancias de D. Angel, afflicto com a idéa de que se poderia attribuir a fraqueza de animo, a sua recusa de se ir sentar n'um throno ainda cercado de tempestades, estivera resolvido, apezar das supplicas de sua esposa, a dar uma resposta affirmativa. Foi talvez a dôr profunda, sincera e sem limites, da sr.ª condessa d'Edla, que actuaram principalmente no animo de D. Fernando, e o impediram de dar um passo de que se arrependeria no dia seguinte, mas que seria irremediavel.

Digâmos que o principal agente d'essa recusa foi o bom senso e a modestia desambiciosa d'el-rei D. Fernando, mas, para o sustentar nos lances difficeis, teve elle a sr.ª condessa d'Edla e Fontes Pereira de Mello.

(Continúa). *Pinheiro Chagas.*

SCENAS DA VIDA RUSTICA

A NETA DO TIO TORQUATO

(Continuado do n.º 314)

IX

A caçada do dia seguinte correspondeu aos nossos desejos. O cão era uma espada de primeira ordem, e Torquato exultava de jubilo a cada nova parada que o *Trovador* fazia: parecia um rapaz o velho caçador, e abraçava o animal, como faria a um filho, que acabasse de se illustrar por grandes proezas.

N'esse mesmo dia á noite voltei para Lisboa. Quando cheguei a casa, encontrei dentro da minha sacca um bilhete muito dobrado, em que Isabel me pedia que não me esquecesse do seu livro—um livro que fallasse da Africa de Angola—dizia ella com a sua ingenua ignorancia da geographia—e acrescentava que era a maior fineza, que eu lhe podia fazer, recommendando-me que o désse ao cocheiro da diligencia, com ordem de o entregar só a ella.

Não acceitei o papel de confidente, que me era distribuido, mas, se não denunciei o conteudo do bilhete ao intransigente avô, tambem não mandei o livro, que ella tão instantemente me pedia. Conservei-me neutral entre as duas potencias, que me eram por egual sympathicas, e, á imitação dos grandes politicos, esperei os acontecimentos.

Haviam apenas decorrido oito dias depois d'aquella scena, quando o continuo da minha repartição me veiu dizer que estava ali um campino, que me desejava fallar. Não me occorreu logo quem fosse esse habitante das ribas do Tejo, mas sahindo ao corredor dei com o Torquato, de barrete na mão, rodeado por alguns dos meus collegas, que estavam admirando a pittoresca figura e a extranha physionomia do velho caçador, que os intrigava com o aprumado e a elegancia do porte, e o singular contraste que n'elle faziam o negro do cabello e a alvura da barba.

—Então temos toirada? perguntaram elles. É o maioral? Vaes ser forcado ou moço do curro? Arranjas um bilhete? E outros gracejos proprios do assumpto.

Ao ver ali o avô de Izabel tive um presentimento: aquella visita era já obra do tal corsario. Dei o braço ao homem, e affastámo-nos do grupo dos curiosos.

—Então ha alguma novidade? Você por aqui é caso.

—Sim, senhor, ha novidade—e peço-lhe desculpa de o incommodar, mas disseram-me que estava aqui, e eu preciso fallar-lhe em negocio serio.

—Diga o que é, que eu já quasi adivinho. É da Isabelinha que se trata?

—Acertou, que é. Já vejo que não lhe passou em claro o livro da Africa, e o senhor, que é bom caçador, pegou no rastro...

—É verdade, Torquato, extranhei aquelle pedido da pequena. Então o que ha de novo?

—Ha que a Isabelinha está namorada do tal sujeito da tropa, e não ha já tirar-lh'o da cabeça. Tenho empregado todos os meios para a trazer á rasão, mas é tempo perdido, porque me deitam o trabalho abaixo em casa do meu compadre, aonde ella vae, e onde a familia do meliante tambem tem entrada. Eu não quero romper com o compadre. De forma que já não durmo socegado, e ando de vigia á rapariga, porque o gauderio é capaz de me fazer alguma desfeita, e eu tambem sou capaz de... E nos olhos do velho caçador li eu o final da phrase, que elle não acabou.

—Mas porque é essa antipathia ao rapaz?—Torquato, você ainda não m'o disse.

—Desculpe, mas alguma coisa lhe disse já. É que elle, alem de ser mal comportado, pertence á familia do homem que meu irmão matou—e matou, porque, chegadas as coisas ao ponto a que chegaram, se o Thomaz não matasse o outro, era o outro que o matava a elle. Isto aqui entre nós—n'essa desgraça entrou a politica, o dinheiro, e as mulheres.

—Trez inimigos da alma.

—É como diz—continuou elle. Ora essa gente é má, e eu, antes do caso, nunca tratei com elles, e depois já se vê que ainda menos. Com que olhos posso eu agora ver a Izabel casada com um d'essa familia? com os mesmos com que elles hão de olhar para mim, irmão do matador d'um dos seus! Já me disseram, que com isto faziam as pazes as duas familias? Mas quaes familias? A minha, em eu morrendo, fica reduzida á Izabel, e ella então pagará... Isto não pode ser,—e, depois d'uma breve pausa, accrescentou, acentuando as palavras com um gesto energico—e não ha de ser...

—Mas como é que não ha de ser, se ella quer e elle quer?

—Ella ainda não tem edade para ser senhora de si.

—Olhe, Torquato, que isso na lei é assim, mas na vida, na pratica, quando elles querem, podem illudir a lei, quero dizer, podem...

—Sim, sim, bem entendo o que o senhor quer dizer; mas eu tambem posso dar cabo do canastro do valdevinos. Mando-o de presente ao diabo!

—Então temos já duas mortes na sua familia, e a sua neta fica ainda mais desgraçada.

—Pelo que vejo não ha remedio senão consentir?! Cahiu-me o raio em casa! Livrei o Thomaz de ir para a Africa, mas não posso livrar agora a rapariga d'este degredo! Porque isto é um degredo para ella e para mim, que nunca mais lhe ponho os olhos em cima! Que mal faria eu a Deus, para ter este castigo no fim da minha vida?! Deixem-me morrer, e depois casem... E resfolegando e contendo as lagrimas que lhe borbulhavam nos olhos, o velho agarrou-me nas mãos com uma força extraordinaria—dizendo: Se isto é castigo, então Deus não é justo, e pagam os innocentes pelos peccadores, porque eu, senhor, nunca fiz mal a ninguem!

—Homem, socegue. Talvez haja algum modo de evitar...

—Mas, como? se o senhor mesmo acaba de me dizer que não ha, e que se elles quizerem...

—O que é elle? Que posto tem? perguntei-lhe eu, sem pensar bem no que dizia.

—É primeiro sargento—mas não passa d'ali, e é um jogador capaz de jogar a camisa. Eu sei-lhe a vida toda. Um aventureiro! O que elle quer é dinheiro. Isto é uma desgraça para nós todos! Meu Deus!

Eu sentia-me commovido, e procurava uma solução, repetindo machinalmente as ultimas palavras do pobre velho, quando de repente me occorreu um expediente.

—O Torquato, esse rapaz quer ser official. É o sonho doirado dos sargentos.

—Falla n'isso todas as vezes que vae a casa do compadre, e diz que já tem vergonha de ser sargento.—Contaram-m'o elles, quando lá estive ha dias.

—Então lembro-me d'uma cousa—um plano para o affastar d'aqui por muito tempo, e talvez para sempre.

O rosto do Torquato, á proporção que eu fallava, ia perdendo a pouco e pouco a expressão tragica, e as ultimas palavras repetiu-as, como para se confirmar bem no que ouvira.

—Um plano para o affastar d'aqui—diz o senhor! Então o que é? Diga lá, diga...

—O plano é simples: arranjar-lhe o posto d'alferes para a Africa. Que lhe parece?

—É bem lembrado, é. Elle em se apanhando de banda á cinta pensa logo em coisas mais graúdas, e esquece a pequena.

—Esquece, sim. Elle vae, e ella fica: este é o ponto principal, já se vê. Agora vamos urdir a teia. Oiça lá, Torquato.

—Sou todo ouvidos.

—Disse-me você, ha tempos, que o seu compadre era grande influente nas eleições: ora sendo isso assim ha de elle ter influencia no deputado do circulo, e como os deputados tambem téem grande influencia nos ministros, aqui tem o meu Torquato, uma cadeia de influencias que devem pregar com o nosso homem na terra dos pretos. Percebe?

—Percebo, percebo. Quer isso dizer que eu tenho que metter o meu compadre no jogo.

—Tal e qual, é isso mesmo. O Torquato vae ter com o seu compadre, expõe-lhe todo o negocio, diz-lhe terminantemente que não consente de forma alguma no casamento, e pede-lhe a sua intervenção, communicando-lhe o plano. Como o rapaz frequenta a casa d'elle, o compadre aproveita a primeira occasião em que elle se queixe da sua posição, e deixa-lhe antever a possibilidade de se lhe arranjar o posto de alferes. Elle naturalmente agarra-se ao offerecimento com ambas as mãos, e o negocio segue o seu andamento natural por este lado...

—E ella? interrompeu o meu interlocutor.

—Já lá vamos. Tambem será a familia do seu compadre, as senhoras e as meninas, que até agora andaram a fazer mau serviço n'este negocio, que hão de voltar as guardas á fechadura, emendando a mão, e ajudando-nos com toda a força. Tenham paciencia. Você disse-me um dia que contava com o Joaquim Manuel para a vida e para a morte...

—Disse, e conto.—Olhe—e Torquato, arregaçando a manga da jaqueta, mostrou-me uma funda cicatriz no braço esquerdo. Esta ia para elle, e se não sou eu, era uma vez o Joaquim Manuel. Quando eu lhe accudi já elle estava no chão com a cabeça aberta, e ficava ali esfaqueado como um porco. Elle tambem nunca mais se esqueceu d'isso, e diz aos filhos muita vez, que me respeitem e estimem como um pae, porque me deve a vida.

—Então, se podemos contar com elle, mãos á obra, e sem perder tempo.

—Está dito. Vou-me embora já, e escrevo-lhe de lá o que houver. Foi Deus que aqui me trouxe. Adeus, e um abraço pelo conselho.

—Até á vista, Torquato, e ande-me lesto.

—A quem o diz. Adeus.

—Então? perguntaram-me os collegas, quando viram partir o campino.

—Está tudo combinado. Ha de ser uma tourada real, e vocês ficam já convidados.

(Continúa). *Zacharias d'Aça.*

RESENHA NOTICIOSA

Archeologia. No *Districto de Leiria* lê-se a seguinte noticia, que com a devida venia transcrevemos: «O distincto collecionador, sr. Jeronymo Lima Paes de Sande e Castro, residente n'esta cidade, e que se tem dedicado ha tempo aos estudos de *pre-historia*, colligiu n'este concelho uma porção de instrumentos notaveis e importantes, da idade de cobre, posterior á de pedra, e anterior á de ferro. Entre essa collecção figuram machados de dois typos distinctos: uns de 150 a 160 millimetros de comprimento, que devem ser armas de guerra, ou cutellos de sacrificios, e outros de 100 a 120 millimetros, que provavelmente seriam armas de caça.

«Além d'isso, a collecção do sr. Sande e Castro, contém escopros ou formões de cobre, ainda com signaes vivissimos de terem servido, cunhas de cobre para rachar madeira, ou separar camadas de pedra, a folha de uma faca ou punhal, etc., etc. Estes objectos valiosissimos pelo seu merecimento archeologico, têem sido encontrados em differentes pontos dos arredores d'esta cidade, especialmente no logar de Espite. Sob as raizes d'um carvalho ha pouco arrancado, encontraram-se bastante d'estes instrumentos. O sr. Sande e Castro, está fazendo a collecção dos productos geologicos do districto, e propõe-se a visitar nos arredores de Leiria as grutas e rochas que offereçam algum interesse paleontologico ou mineralogico.»

Fallecimento. Falleceu no dia 7 do corrente, em Portalegre, o sr. D. Manuel Bernardo de Souza Ennes, bispo da diocese, de que tomára posse em dezembro do anno passado. O bispo de Portalegre contava 78 annos de edade, bem conservado e de vida exemplar. Fôra professor de theologia no seminario de Coimbra e occupou as cadeiras episcopaes de Macau e de Bragança. A sua morte foi occasionada por um typho, que o victimou em poucos dias.

Outro. Falleceu no Rio de Janeiro o maestro portuguez Raphael Coelho Machado, professor de musica do Instituto dos Cegos d'aquella cidade. Raphael Coelho nasceu em Angra do Heroismo, em 1814, e veiu para Lisboa, em 1835, proseguir nos seus estudos de musica. Escreveu varias obras a saber: *Diccionario musical, Principio de musica pratica para uso dos principiantes, Methodo de afinar o piano, com a historia, descripção e conservação d'este instrumento; A. B. C. musical ou breve explicação dos principios de musica; Principios de arte poetica ou medição de versos usados na lingua portugueza, com interessantes observações aos compositores de canto nacional; Methodo para o ensino do orgão expressivo (harmonium); Tratado de Harmonia e Contra-ponto.* Além d'estas obras originaes suas, traduziu: *Methodo de piano de Hunten, Methodo de flauta de Devienne, Methodo de violino de Allard.* Fundou no Rio de Janeiro o *Ramalhete das Damas* periodico musical de que foi redactor. Os bons serviços que prestou no Instituto dos Cegos do Rio de Janeiro, como seu professor gratuito, mereceram-lhe do governo brasileiro o habito da Roza.

Outro. Do extrangeiro chega-nos a noticia da morte de Alberto Ernesto Carrier-Belleuse, director das obras artisticas da grande fabrica de porcelana de Sêvres. O illustre artista nasceu em 1824; foi discipulo de David d'Angers e as suas obras appareceram pela primeira vez no Salon de 1851. Foram dois medalhões em bronze. Em 1857 apresentou no Salon um grupo em bronze *L'Amour et l'Amitié* e differentes retratos. Além dos seus trabalhos de porcelana de Sêvres, encontram-se muitas obras suas notaveis, como: *Uma Bachante, Le Messie, Entre deux amours, Hébé endormie, Psyché abandonnée,* uma estatua de Camillo Desmoulins, bustos de Renan, Delacroix, Thiers, etc. No theatro da Renaissance vê-se uma estatua de mulher do mesmo auctor, e na escadaria da Opera de Paris ha dois grupos admiraveis que sustentam serpentinas, tambem obra sua. Muitas estatuetas e bustos feitos por elle tem sido reproduzidos com profusão.

Electricidade applicada aos carros americanos. Realisou-se no dia 15 do corrente uma experiencia de um carro americano da Companhia Carris de Ferro de Lisboa, movido pela electricidade. A experiencia teve logar entre Santo Amaro e Algés, sendo esta distancia percorrida em 22 minutos, contando 2 minutos de paragem em Belem e outras breves paragem que fez durante o trajecto, para se conhecer da facilidade e precisão com que o carro obedecia ao governo. Esta innovação, que já em 1881 se experimentava em França e na Allemanha, chega agora a Lisboa, tendo sido escolhido o systema *Julien*, modificado e melhorado pelo sr. Hermann, distincto electricista portuguez. O carro experimentado é do mesmo typo dos carros fechados já conhecidos. As baterias electricas accommodam-se debaixo dos assentos, e communicam com o apparelho que vae na plata-forma do carro, onde é regulado o movimento. A corrente estabelecida entre as pilhas e machina eletro-dynamica existente na estação estabelece a força locomotora por meio de uma combinação de tambores que a transmittem ás rodas do carro. É esta a idéa geral do systema, cuja experiencia deu bom resultado. A primeira carreira que se vae estabelecer é entre Belem e Algés.

Medalhões. Columbano Bordallo Pinheiro concluiu os esboços de quatro medalhões destinados ao tecto de uma das salas do edificio dos paços do concelho de Lisboa. O assumpto d'estes medalhões é a Beneficencia, e o artista tomou por thema para as quatro composições os versiculos da ladainha: *Sedes sapientiae, consolatrix afflictorum, Auxilium cristianorum e Salus infirmorum.* Consta-nos que estas composições sustentam bem os creditos do autor.

Ponte no canal da Mancha. O almirante Cloué apresentou ao governo francez o projecto de uma ponte sobre o canal da Mancha que ligue a França e a Inglaterra. A ponte será illuminada a luz electrica. Este projecto foi bem acceite pelo governo francez, mas resta ver o que diz o governo inglez a respeito do qual o almirante Cloué nutre a esperança de que lhes será favoravel.

NAS PRAIAS

CAPELLA DE S. SEBASTIÃO, NA ERICEIRA

(Segundo um desenho do sr. Alberto Telles)

PUBLICAÇÕES

Recebemos e agradecemos:

Jornal de Pharmacia e Chimica, *publicação mensal,* proprietario e redactor F. J. Rosa, Lisboa, n.º 8 do 1.º anno, com varios artigos de sciencia medica e pharmaceutica em que distinguimos um sobre a transmissibilidade da tuberculose pelo leite. É inutil encarecer a utilidade d'esta publicação que aliás vae em breve augmentar de numero de paginas, pela necessidade de dar publicidade a muitos trabalhos scientificos que tem accumulados.

Elementos para a Historia do Municipio de Lisboa, por Eduardo Freire de Oliveira. Folhas 5 e 6 do tomo III, onde se lêem varias cartas regias; resposta da casa dos vinte e quatro sobre a contribuição voluntaria para soccorro dos estados da India, etc., documentos referentes ao primeiro quartel do seculo XVII.

Relatorio e Contas apresentadas pela direcção da Associação Auxiliar da missão Ultramarina *á assembléa geral da mesma associação convocada em julho de 1887.* É importante o trabalho d'esta associação á frente da qual se acham senhoras da nossa primeira sociedade, e para a qual contribue o ministerio da marinha com o subsidio annual de 1:000$000 réis. A sua séde é em Carnide, no convento de Santa Thereza de Jesus, com duas escolas dependentes, uma no convento de Nossa Senhora do Carmo, em Tentugal, e outra em Braga, no Asylo da Infancia Desvalida de D. Pedro V. Tem já tres missões em Africa, sendo na Huilla, a Casa da Immaculada Conceição; Estação Missionaria de S. José em Mossamedes e uma estação no Lobango. O numero de irmãs e aspirantes eleva-se a 67, das quaes se acham 10 prestando serviço nas missões de Africa. Esta associação appella para o auxilio de todos que a queiram animar, quer inscrevendo-se socios, quer como simples bemfeitores. Os seus serviços como elemento civilisador em Africa são dignos de toda a protecção.

Bibliotheca do Povo e das Escholas, David Corazzi editor, Lisboa. N.º 148, *Os adubos,* por Luiz Antonio Rebello da Silva. O assumpto d'este volume não póde ser mais util do que é para o agricultor portuguez, que em geral lucta com a falta de adubos para as suas terras, e que por isso muito convém conhecer quanto a sciencia e a arte podem attenuar esta falta natural.

O paiz das pelles, primeira parte, *O eclipse de 1860,* por Julio Verne, traducção de Mariano Cyrillo de Carvalho, David Corazzi editor, Lisboa. Este volume pertence á edição popular que o sr. David Corazzi tem dado á estampa, das obras de Julio Verne, e que, graças ao nome do auctor e á barateza do livro, tem tido o mais extraordinario exito.

As farpas, de Ramalho Ortigão, David Corazzi Editor, Lisboa. Fasciculo 12, pertencente ao segundo volume, que tem o sob titulo *O Paiz e a sociedade portugueza.*

P. L. M., por Xavier de Montépin, traducção de Cunha e Sá, David Corazzi editor, Lisboa. V volume, illustrado com estampas em chromo.

Fabulas de la Fontaine, illustradas por Gustavo Doré, texto portuguez de Bocage, Filinto Elysio, Curvo Semmedo, Costa e Silva, Malhão e Couto Guerreiro, e pelos mais notaveis poetas contemporaneos de Portugal e Brazil, com estudos criticos por Pinheiro Chagas, Ramalho Ortigão e Theophilo Braga. David Corazzi editor, Lisboa. Fasciculo 35 com as seguintes versões portuguezas: *O homem e a serpente,* por Curvo Semmedo; *A tartaruga e os dois patos,* por Alfredo Alves; *As duas cabras,* por Filinto Elysio; *O lobo e o cão magro,* por Eduardo Garrido, etc.

Typ. Castro Irmão — Rua da Cruz de Pau 31 — Lisboa